

A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO

*Ruth Curtz Colvero

** Sandro Rodrigo Steffens

Resumo

A presente pesquisa trata como tema principal a importância da afetividade na relação entre professor e aluno, princípio este fundamental no processo de ensino e aprendizagem, eis que a afetividade potencializa o ser humano a revelar seus sentimentos. Durante a pesquisa revelou-se os fatores que impedem ou afetam diretamente o desenvolvimento cognitivo saudável e como a escola contemporânea pode contribuir nesse processo de aprendizagem, com profissionais dinâmicos e educação de qualidade. A pesquisa se fundamentou com base em materiais já divulgados sobre o tema visando caracterizar os principais pontos a respeito da importância da afetividade na relação professor aluno. Dessa forma, o estudo assumiu, a partir do levantamento de materiais, característica de pesquisa bibliográfica. Abordou-se as estratégias de aprendizagem, os benefícios da afetividade no ambiente escolar, bem como a importância do acompanhamento do psicólogo no processo de evolução do aluno.

Palavras-chave: Afetividade. Aluno. Desenvolvimento. Professor.

1 INTRODUÇÃO

A principal temática do presente trabalho propõe uma reflexão sobre a afetividade na relação professor aluno, tema evidenciado como plausível de debates, dada sua relevância para o atual contexto da escola pública, pois estabelece uma relação de respeito e confiança entre professor e aluno,

consequentemente aumentando os níveis de desenvolvimento e fortalecendo os laços no contexto da sala de aula.

Neste passo, a discussão aqui proposta, se direciona aos resultados positivos, obtidas numa relação afetiva, e aos prejuízos ocasionados pela ausência da afetividade em sala de aula. Ao mesmo tempo, indaga sobre as dificuldades encontradas pelo professor contemporâneo no contexto escolar, resgatando algumas transformações sociais, políticas e culturais que vem contribuindo para tais situações.

Conforme entendimento de Wallon apud Almeida (2004, p. 17), a afetividade "refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis".

Diante da importância da afetividade na relação escolar, alguns autores trazem à tona a necessidade das escolas adequarem seus profissionais para essa nova forma de educar. Assim, expõe Vigotski (2016, p. 454): "no futuro, todo professor deverá basear o seu trabalho na psicologia, e a pedagogia científica se tornará ciência exata baseada na psicologia".

Nas palavras de Bossa (2002, p. 29): "a educação deve levar em cocconta principalmente a vocação ontológica do homem, que é tornar-se sujeito, situado no tempo e no espaço, visto que vive em uma época, em um lugar e em um contexto social e cultural preciso".

O objetivo geral do presente trabalho é Identificar a importância da afetividade nas relações do ensinar-aprender que interferem no processo da aprendizagem da criança. No que tange aos objetivos específicos seguiu-se a seguinte linha: a) conhecer o ambiente escolar da criança; b) analisar os dados obtidos durante o processo de investigação relacionando-os com o referencial teórico; c) desenvolver uma conclusão sobre o assunto específico. Frente ao exposto, este trabalho propõe uma reflexão acerca da importância da afetividade na relação professor aluno, com ênfase nos benefícios e prejuízos, dela decorrentes. Para tanto, a pesquisa se apoia em materiais divulgados sobre o tema, configurando uma pesquisa descritiva, com enfoque bibliográfico.

2 DESENVOLVIMENTO

O presente estudo se desenvolveu por meio de pesquisa bibliográfica, na qual se fundamentou com base em materiais já divulgados sobre o tema. Esse tipo de pesquisa favorece, segundo Gil (2008), a familiaridade do pesquisador com o problema investigado. Na busca pelo alcance dos objetivos lançados, que visa caracterizar os principais elementos que promovem a interação entre professor e alunos em sala de aula, com ênfase nos aspectos positivos e negativos resultantes dessa relação, o estudo assumiu, a partir do levantamento de materiais.

A escolha por este tipo de pesquisa, visou dar credibilidade à proposta de estudo apresentada. Para tanto, foram utilizados livros, artigos publicados em revistas e conteúdo de palestras proferidas por autores consagrados na área educacional. De acordo com Marconi; Lakatos (2010, p. 166), a pesquisa bibliográfica tem a “[...] finalidade de colocar o observador em contato com tudo o que já foi dito ou escrito sobre determinado assunto”. No entendimento de Salomon (2004), a pesquisa bibliográfica fundamenta-se em conhecimentos proporcionados pela Biblioteconomia e Documentação, entre outras ciências e técnicas empregadas de forma metódica envolvendo a identificação, localização e obtenção da informação. Esse processo requer uma busca planejada de informações bibliográficas e uma minuciosa seleção, para elaborar e documentar um trabalho de pesquisa científica. Dessa forma, para o desenvolvimento da pesquisa, foram selecionados materiais, cujo tema esteja relacionado com os benefícios e os prejuízos presentes no processo de ensino e aprendizagem, decorrentes das relações estabelecidas no contexto da sala de aula. A análise dos dados foi realizada em duas etapas. Na primeira, foram identificados os dados de localização do artigo/livro, ano e periódico/editora de publicação, autoria, objetivo, metodologia, resultados principais, utilizando um instrumento elaborado, especificamente para este estudo, com base nos objetivos da pesquisa. Na segunda etapa, realizou-se a análise dos materiais, cujos resultados foram sintetizados por similaridade de conteúdo.

A AFETIVIDADE E SUA IMPORTÂNCIA NO ÂMBITO ESCOLAR

A afetividade potencializa o ser humano a revelar os seus sentimentos, medos, anseios e necessidades, em relação a outros seres e objetos. Num breve conceito elaborado por Wallon, e citado por Almeida (2004, p. 17), a afetividade “refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis”. Desse modo, pode-se inferir que a evolução do ser humano, vai além da capacidade intelectual assegurada pela condição biológica, ela necessita fundamentalmente de um meio favorável, que contribua de fato, para sua evolução. Releva registrar, que o meio é um dos principais elementos no contexto das aprendizagens, visto que ele, pode influenciar tanto positiva, quanto negativamente no desenvolvimento das potencialidades. Na definição de Dalgalarrodo (2008, p. 155):

A vida afetiva é a dimensão psíquica que dá cor, brilho e calor a todas as vivências humanas. Sem afetividade, a vida mental torna-se vazia, sem sabor. A afetividade é um termo genérico, que compreende várias modalidades de vivências afetivas, como o humor, as emoções e os sentimentos.

Observa-se que o afeto é um elemento capaz de modificar comportamentos e consolidar interações positivas, visto que ele está diretamente relacionado às emoções. Segundo ensinamentos de Chalita (2004, p. 15), a afetividade deriva da palavra afetivo, afeto, da qual designa a qualidade que abrange todos os fenômenos afetivos, destacando como principal elemento o amor. O autor cita que “o amor é capaz de quebrar paradigmas, barreiras, ranços. É o amor que nos envolve, que nos move”. Dalgalarrodo (2008, p. 157), define afeto da seguinte forma:

Define-se afeto como a qualidade e o tónus emocional que acompanha uma ideia ou representação mental. Os afetos acoplam-se a ideias, anexando a elas um colorido afetivo. Seriam, assim, o comportamento emocional de uma ideia. Em acepção mais ampla, usa-se também o termo

afeto para designar, de modo inespecífico, qualquer estado de humor, sentimento ou emoção.

Diante das definições trazidas pode-se afirmar que, a afetividade tem papel fundamental no desenvolvimento cognitivo saudável do ser humano, dada a sua dimensão psíquica e as diversas modalidades de vivências afetivas. Imperioso assim, abordar a respeito da importância da afetividade no ambiente escolar. A afetividade tem se revelado, como fator indispensável no processo de ensino e aprendizagem, visto que configura uma condição necessária, pois envolve significados e dá sentido ao ato de aprender. Conforme ensinamentos de Martinelli (2002, p. 99):

O aspecto afetivo é um importante elemento a se considerar quando se pretende compreender o processo de aprendizagem dos indivíduos. Situações como o abandono, a separação dos pais, a perda do processo de progenitores, um ambiente desfavorável à manifestação afetiva, a depreciação, são variáveis intervenientes no processo de aprendizagem humana.

As relações estabelecidas entre professor e alunos, devem estar pautadas no afeto, no respeito, na confiança e na aceitação. O ambiente da sala de aula, precisa ser aconchegante e estimulador, para que os alunos sintam-se interessados em aprender e atribuam significados ao que lhes está sendo oferecido. Com relação ao espaço da sala de aula, Almeida (2005, p. 103) assinala:

Como em qualquer outro meio social, existem diferenças, conflitos e situações que provocam os mais variados tipos de emoção. E, como é impossível viver num mundo sem emoções, ao professor cabe administrá-las, coordená-las. É imprescindível uma atitude corticalizada, isto é, racional, para poder interagir com os alunos, buscando descobrir seus motivos e compreendê-los. O professor deve procurar utilizar as emoções como fonte de energia e, quando possível, as expressões emocionais dos alunos como facilitadores do conhecimento. É necessário encarar o afetivo como parte do processo de conhecimento, já que ambos são inseparáveis.

O papel do professor não pode mais se reduzir a dar aulas. A escola contemporânea requer profissionais dinâmicos, capazes de conhecer seu aluno na essência, tendo um olhar diferenciado, e uma postura solidária, sem deixar de lado, a disciplina, a ética, a capacidade de resolver os conflitos de forma satisfatória, e o compromisso de promover uma educação de qualidade. Aprender a lidar com as emoções, é de fundamental importância, dada a diversidade presente no contexto escolar, que demanda atitudes e posturas assertivas, de acordo com as necessidades demandadas pela turma.

Os alunos não precisam de guias espirituais, nem de catequizadores. Eles se constroem encontrando pessoas confiáveis, que não se limitam a dar aulas, mas que se apresentam como seres humanos complexos e como atores sociais que encarnam interesses, paixões, dúvidas, falhas, contradições. Atores que se debatem como todo mundo, com o sentido da vida e com as vicissitudes da condição humana (PERRENOUD, 2005, p. 139).

O perfil de professor presente, especialmente na escola pública, deve ser condizente com as demandas sociais atuais. A função do professor na sociedade contemporânea mudou, ele tende necessariamente ser capaz de assumir, outras tarefas que vão além de mediador do conteúdo da sua área. Ele precisa responder satisfatoriamente às exigências da sociedade. Para tanto, precisa ser pesquisador, dinâmico, atualizado, e acima de tudo, entusiasmado, para cativar seus alunos. A escola, de modo geral, deve pensar num fazer pedagógico, levando em consideração os novos mapas e configurações postos na sociedade, com vistas no atendimento às necessidades desta nova realidade social.

Os professores devem trabalhar com seus alunos não só para ajudá-los a desenvolverem habilidades, procedimentos, estratégias para coletar e selecionar informações, mas, sobretudo, para ajudá-los a desenvolverem conceitos. Conceitos que serão a base para a construção de seu conhecimento (CORTELAZZO; ROMANOWSKI, 2006, p. 18).

Sendo o professor, o organizador, o líder do processo de ensino e aprendizagem, cabe a ele transformar o espaço da sala de aula, num ambiente de interação, construção e aprendizado. O aluno precisa sentir-se

seguro e capaz de aprender, e isso somente será possível se as relações estabelecidas, de fato, transmitirem a ele esta confiança. De acordo com Aulete (2017), afetividade é o conjunto de fenômenos de natureza psíquica que envolvem emoções e sentimentos, capacidade ou susceptibilidade (de alguém) de reagir com ou manifestar facilmente emoção e sentimento. Deste modo, a aproximação entre professor, família e aluno é fundamental, considerando que pode ser decisiva para o sucesso das aprendizagens.

Família e escola constroem no indivíduo os universos da sua autoestima, confiança, emoções, sentimentos e atributos que personificam suas estruturas pessoais e seus vínculos afetivos. Escola e família não podem estar dissociadas uma da outra, pois são ligadas pelos veios afetivos do educando (CUNHA, 2010, p. 96).

A criação de um espaço de trocas favorece tanto o desenvolvimento cognitivo do aluno, como também fortalece o vínculo afetivo entre professor e alunos, servindo, ao mesmo tempo, como estratégia para estabelecer laços de confiança nas respectivas relações. As estratégias de aprendizagem, tão necessárias no espaço da sala de aula, funcionam como ferramentas do pensamento, que potencializam a aprendizagem autônoma, de forma que o próprio aluno seja capaz de controlar e avaliar seu aprendizado.

Libâneo (2007, p. 204), é enfático ao afirmar que “as novas realidades do mundo contemporâneo estão exigindo inovações didático-pedagógicas que propiciem melhor cumprimento dos objetivos da escola por meio do ensino aprendizagem”. Para tanto, o professor tende ser construtor do seu processo de trabalho, isto requer, antes de tudo, uma metodologia de ensino que promova o desenvolvimento da capacidade de refletir sobre a prática. Ou seja, somente uma prática reflexiva, a partir do contexto e da realidade do grupo com o qual se trabalha, é capaz de promover mudanças no referido meio. Deste modo, o professor necessita, em primeiro lugar, ensinar ao estudante, “aprender a aprender”, isto implica em “[...] dispor de habilidades para pautar a própria aprendizagem e ser capaz de aprender de maneira cada vez mais eficaz e autônoma, de acordo com os próprios objetivos e

necessidades" (CARRETERO; FUENTES, 2011, p. 7). De acordo com Coll (et al., p. 210):

Se se concorda que os processos escolares de ensino e aprendizagem são processo que necessariamente envolvem as pessoas de uma forma global, parece lógico que, do mesmo modo que é importante considerar os diferentes fatores que definem a capacidade e os recursos cognitivos do aluno em face de um determinado processo de aprendizagem – habilidades, estratégias, conhecimentos específicos -, parece conveniente a indagação a respeito da diversidade de fatores que determinam as demais capacidades que o aluno enfrenta nesse processo, em particular suas capacidades emocionais e de equilíbrio pessoal.

Pode-se aferir como alicerces necessários para assegurar o sucesso escolar, tanto do professor, quanto do aluno. Neste contexto White (2007, p. 140) enfatiza:

Os professores devem induzir os alunos a pensar, e a entender claramente a verdade por si mesmos. Não basta ao mestre explicar, ou ao aluno crer; cumpre suscitar o espírito da pesquisa, e o aluno ser atraído a enunciar a verdade em sua própria linguagem, tornando assim evidente que lhe vê a força e faz a aplicação. Por trabalhosos esforços, as verdades vitais devem assim ser gravadas no espírito. Talvez esse seja um processo lento; é, porém, mais valioso do que passar correndo sobre assuntos importantes, sem a devida consideração.

Os alunos precisam ser constantemente incentivados a encontrar prazer na busca pelo conhecimento. Ao professor cabe, além de facilitar o processo de aprendizagem, problematizar situações, a fim de potencializar tal conhecimento. Conforme mencionado anteriormente, o processo educativo envolve três grandes habilidades: cognitiva, social e emocional. No entendimento de Chalita (2015) a habilidade cognitiva trabalha com o processo constante de aprender novas ideias, conceitos e valores. Já a habilidade social desenvolve duas questões básicas, sendo, a importância da cooperação, e a solidariedade.

Dessa forma, a emoção é fundamental para que ocorra a aprendizagem, visto que ela perpassa as demais áreas. O aluno necessita de um ambiente afetivo e acolhedor para aprender. A heterogeneidade presente na sala de aula precisa aprender a conviver harmonicamente e construir um ambiente de solidariedade e afetividade, somente desta forma, a educação poderá oferecer mais qualidade e significado para os aprendentes. “A natureza da experiência afetiva (se prazerosa ou aversiva), nos seus extremos depende da qualidade da mediação vivenciada pelo sujeito, na relação com o objeto” (LEITE, 2006, p. 76). Os fenômenos afetivos, embora possuam caráter subjetivo, não são independentes da ação do meio, portanto, as qualidades das experiências vivenciadas nas relações estabelecidas no ambiente escolar influenciarão diretamente no processo de ensino e aprendizagem. Razão esta, que reforça a importância do professor investir no incentivo do aluno, visto que um dos resultados práticos da psicologia do afeto é o fortalecimento da autoestima. Pode-se inferir que no processo de aprendizagem, os aspectos afetivos e cognitivos, atuam conjuntamente, na promoção do desenvolvimento do sujeito. Desse modo Piaget (1976, p 16) destaca que:

Vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão.

Piaget (1976) concebe o afeto como elemento essencial para o funcionamento da inteligência, esta por sua vez, fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem. Vê-se que o educador, na condição de mediador do conhecimento, deve favorecer a articulação dos aspectos afetivo e intelectual, considerando que tais elementos encontram-se atrelados ao processo de aprendizagem. Dessa forma, passa-se a analisar a importância da afetividade na relação professor aluno.

3.1 A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO

A criação de um vínculo saudável na relação professor alunos, é imprescindível no processo de construção do conhecimento. O respectivo tema vem ganhando espaço, cada vez maior, nas discussões e debates educacionais. Entretanto, as práticas de sala de aula, mostram realidades adversas. Várias pesquisas apontam que, no cotidiano escolar, especialmente da escola pública, foco principal deste trabalho, os embates entre professor e aluno são práticas constantes. As motivações para tais conflitos decorrem especialmente de problemas de cunho social, que acabam repercutindo no contexto da sala de aula. Nesse contexto, Coll (2004, p. 214) explana a respeito da seguinte forma:

As primeiras representações muitas vezes marcam os contatos iniciais que se produzem entre professor e alunos e, a partir desse momento, são postas à prova e se confirmam, matizam ou refutam progressivamente pela observação continuada que ocorre na sala de aula e em outros âmbitos do contexto escolar.

A relação professor aluno é colocada no centro do processo, como ação provedora de uma educação satisfatória. O papel do professor vai além de ensinar, ele é também responsável pelo desenvolvimento e sucesso do aluno, enquanto pessoa humana que necessita de um olhar para além do espaço da sala de aula. Para tanto, é preciso desenvolver uma prática, a qual Arroyo (2012, p. 32) denomina “Humana Docência”, abordada da seguinte maneira pelo autor:

A humana docência vem abordar sobre o papel do professor e a importância do seu trabalho para ajudar o educando a encontrar o seu lugar na sociedade. É uma reflexão de como o docente tem que desenvolver a afetividade, o amor, o social e etc. Mas, contudo, ele não deve ser só carinhoso. É preciso pensar nele próprio como um eterno aprendiz em busca de aprimoramento constante. E para ensinar e aprender a ser humano através do relacionamento entre os outros seres humanos. Principalmente a relação entre mestre e aprendiz onde ainda existe um grande distanciamento entre ambos.

Conforme exposto, o ofício de mestre vai além do conteúdo, ele perpassa pelo ensinamento de valores, tão necessários, porém tão pouco praticados na sociedade informatizada na qual estamos inseridos.

Frente às diversas análises trazidas na presente pesquisa, pode-se inferir a sala de aula como ambiente que está em repercussão o tempo todo, está agindo sobre os indivíduos ali presentes. Por isso a necessidade de tornar esse espaço o mais estimulador possível, sem perder de vista a necessidade de atenção ao aspecto afetivo, elemento imprescindível, tanto para o desenvolvimento humano, quanto para o processo de ensino e aprendizagem. Para que tais prerrogativas sejam analisadas e avaliadas, imperioso se faz o acompanhamento de um profissional da psicologia no âmbito escolar, o psicólogo escolar. Embora a formação do Psicólogo no Brasil esteja, na maioria das vezes, voltada para uma perspectiva mais clínica e de saúde mental, a Psicologia tem muito a contribuir para os processos educacionais.

Sargiani⁴ (2013) afirma que "o psicólogo é o profissional que durante sua formação tem a possibilidade de aprender sobre o desenvolvimento humano, relações interpessoais, e mecanismos e processos de aprendizagem de modo mais aprofundado". Assim, pode-se dizer que o psicólogo é o profissional que pode contribuir de muitas maneiras para os processos de ensino e de aprendizagem.

Importante aqui destacar o pensamento de Moy (2009, p. 5-6):

A afetividade no ambiente escolar contribui para o processo de ensino e aprendizagem considerando uma vez que o professor não apenas transmite conhecimentos, mas também ouve os alunos e ainda estabelece uma relação de troca. Além do que, o professor deve dar-lhe atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, expondo opiniões, dando respostas e fazendo opções pessoais [...]. A relação professor aluno é condição essencial do processo de construção da aprendizagem, pois dinamiza e dá sentido ao processo educativo.

Observa-se que a afetividade é fator indispensável para o processo de aprendizagem do aluno, pela relação de troca que há na relação professor aluno. Portanto, pode-se entender que a afetividade influencia o processo de aprendizagem, facilitando a aproximação do aluno com o professor, trocando ideias e experiências, expressando opiniões e criando situações a serem utilizadas em sala de aula. Assim, a afetividade torna-se um elo produtivo na construção do conhecimento, favorecendo o conhecimento e a descoberta como seres humanos oportunizando o crescimento mútuo.

3 CONCLUSÃO

Diante da pesquisa realizada para conclusão do presente trabalho, verificouse que a afetividade é a expressão de diversos sentimentos, tendo como condão principal o amor, compreendendo o estado de ânimo ou de humor, sentimentos e emoções. A afetividade impulsiona o ser humano à vida. Traz alegria para o dia a dia, bem como uma disposição individual, citado como uma euforia. Já a falta de afeto pode trazer vários sentimentos negativos, como a raiva, rancor, tristeza e até depressão.

Conforme citado pela autora Ana Rita Almeida (1995), a habilidade emocional é a revelação do que há de mais nobre no ser humano, a capacidade de amar e de ser amado. A afetividade e a inteligência fazem parte da evolução psíquica e quando integradas, permitem ao indivíduo atingir níveis de educação cada vez mais elevados. No âmbito escolar, essa afetividade não deve ser diferente, eis que a relação entre aluno e professor é muito próxima e é este profissional que prepara o aluno para a vida.

É necessário que o professor tenha autoridade, sem perder o respeito e a afetividade, ao mesmo tempo em que estabelece as normas das salas de aula, respeitando a individualidade e a liberdade de cada aluno. Assim, autores renomados, mencionados ao longo do presente estudo, mencionam a afetividade como fator decisivo nas questões de aprendizagem, como por exemplo, Jean Piaget, que expressa que a afetividade influencia positiva ou

negativamente os processos de aprendizagem, o que pode acelerar ou retardar o desenvolvimento intelectual.

Diante de todo o exposto, pode-se afirmar que a sala de aula é um ambiente que está em modificação o tempo todo, agindo sobre todos os presentes. Dessa forma, é imprescindível que o ambiente seja acolhedor, estimulador, sem perder de vista a necessidade da afetividade entre professor e aluno, tanto para o seu desenvolvimento humano, como para o processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com o explanado no presente trabalho, as escolas devem estar em constante modificação, visto que com o passar dos anos, é preciso modernizar as modalidades de ensino, pois vive-se tempos em que a carência ou a ausência de valores básicos como afeto, solidariedade e respeito pelo outro estão em constante e assustadora ascensão. É preciso recuperar a humanização nas relações humanas, em especial na relação professor aluno, pois é este profissional que contribui para a construção de uma sociedade melhor.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel. G. Ofício de mestre: Imagens e autoimagens. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BOSSA, Nadia A. Fracasso escolar: Um olhar psicopedagógico. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- CUNHA, Antônio Eugênio. Afeto e aprendizagem: Relação da amorosidade e saber na prática pedagógica. 2. ed. Rio de Janeiro: WAK, 2010.
- DALGALARRONDO, Paulo. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Dimensões afetivas na relação professor-aluno. In: FALCI, Daniela C. Afetividade e condições de ensino: Histórias de professores inesquecíveis. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 76-95.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* _ 9ª Ed. – São Paulo, Cortez, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MORENO, Jacob Levy. L. *Psicodrama*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993a.

MORIN, Edgar. *Inteligência afetiva*. Disponível em: <<http://expurgacao.art.br/edgarmorin-inteligencia-afetiva/>>. Acesso em 07 dez. 2017.

PERRENOUD, Phillipe. *Escola e cidadania: O papel da escola na formação para a democracia*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PIAGET, Jean. *A equilibração das estruturas cognitivas: Problema central do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

POZO, J.I.; MONEREO, C.; CASTELLÓ, M. O uso estratégico do conhecimento. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. *Desenvolvimento psicológico e educação - Psicologia da educação escolar*. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 145160.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. *Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar*. 10ª ed. Petrópolis/Rio de Janeiro: 2005.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *Psicologia pedagógica*. 3ª ed. São Paulo: WMF, 2016.

Sobre o(s) autor(es)

*Psicóloga, Graduação em Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC Campus Aproximado de Pinhalzinho. E-mail: ruth-kc@hotmail.com.

**Psicólogo, Mestre em Desenvolvimento, Organizações e Cidadania, Especialista em Gestão de Recursos Humanos e professor do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina /UNOESC - Campus de São Miguel do Oeste e Pinhalzinho - SC. E-mail: sandro.steffens@unoesc.edu.br.